



Jornalismo narrativo: possibilidade para a sobrevivência do jornalismo impresso diário¹

Lilian MARTINS²

RESUMO

Este artigo pretende discutir o declínio do número de exemplares de jornais impressos diários e o jornalismo narrativo como possibilidade para reposicionar o jornalismo tradicional. Para tanto, as reportagens da coluna *A Vida Que Ninguém Vê*, publicada em 1999 no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, são estudadas. Assinados pela jornalista Eliane Brum, os textos da coluna além de trazerem uma configuração narrativa diferente da convencional também foram construídos a partir de fatos corriqueiros e pessoas comuns. Bem recepcionada pelo público, a experimentação textual da repórter é discutida neste artigo como exemplo de alternativa possível de ser adotada pelos meios impressos, sobretudo por jornais impressos diários.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornalismo; reportagem; literatura; alternativa.

Uma das principais discussões sobre o fazer jornalismo recai sobre o futuro do jornalismo impresso diário. Com o advento da internet e das facilidades colocadas à disposição para a busca de informações e leitura de notícias em meios digitais, questiona-se o que vai acontecer com o jornal impresso tradicional. Independente das respostas que podem vir conseqüente ao questionamento, há um fato dificilmente contestável: a venda de jornais impressos está em gradativo declínio. A constatação ganha consistência com a análise de recente pesquisa publicada sobre o número de exemplares de jornais que chegam as mãos dos leitores.

Dados do *Instituto Verificador de Circulação (IVC)* sobre a circulação média de jornais para o mês de abril de 2009 revelam que nenhum dos principais jornais do Brasil atingiu o a circulação de 300 mil exemplares diários no mês de abril de 2009. *A Folha de São Paulo* teve 289 mil, *O Globo* contabilizou 259 mil e o *Estado de S.Paulo* ficou nos 214 mil exemplares. A circulação diária em abril de 2009, se comparada aos

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista – Unesp. email: lilian.juliana@gmail.com



números de abril de 2008, representa uma queda para os jornais de 10,84%, 7,75% e 16,93%, respectivamente.³

O que estaria acontecendo com o jornalismo impresso diário? No livro *Mil Dias: Seis Mil Dias depois*, Carlos Eduardo Lins da Silva traz esta inquietação em sua análise sobre o jornalismo impresso brasileiro mais de 15 anos depois da transformação editorial do jornal da *Folha de São Paulo*. Participante do grupo de jornalistas que encabeçou o *Projeto Folha* (projeto que revolucionou o jornalismo brasileiro e estabeleceu a padronização dos textos e das técnicas dos jornalistas para produção de seus textos), Lins da Silva lista as principais determinações editoriais definidas como regras na redação do jornal paulistano e que, no decorrer da década de 90, foram seguidas pela grande maioria dos jornais brasileiros.

No *Projeto Folha*, as informações precisavam se adequar para que o ideal do “fazer jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno, feito com intransigência técnica” (2005) se tornasse possível. Para tanto, o uso de textos curtos, a utilização intensa de gráficos e tabelas e a cadernização do jornal foram priorizados. As informações deveriam passar por uma organização racional e metódica.

Mais de duas décadas depois de reformulação da *Folha*, é o próprio Lins da Silva, ex-defensor veemente da padronização do texto jornalístico, que aponta o excesso de objetividade e distanciamento no jornalismo como um dos principais motivos para a decadência do número de leitores dos jornais. O autor, para ilustrar suas reflexões, sublinha a seguinte informação: em 1995, o número de exemplares da *Folha de São Paulo* era de 1,6 milhão, o maior da história da imprensa brasileira. Em 2005, data de publicação do livro de Lins, o número era de 307 mil exemplares.

Lins da Silva considera o advento da internet e a redução do poder aquisitivo dos brasileiros como possíveis influenciadores destes novos números, mas acredita que a padronização demasiada dos textos seja o principal motivo para que os leitores se desinteressem pelos jornais. Conclui o autor:

Se hoje há um veículo candidato ao extermínio, ele é o jornal diário impresso. Para afastá-lo da beira do abismo, é necessária uma extraordinária dose de ousadia e coragem para mudar, possivelmente superior à que possibilitou o “Projeto Folha” (SILVA, 2005, p.26).

³ Pesquisa realizada em: <http://www.circulacao.org.br>, em 06 de junho de 2009.



Esta “dose de ousadia e coragem” está sendo percebida por pesquisadores, experimentada por jornalistas, buscada por estudantes e, ainda que de maneira tímida, adotada pelos jornais. Alguns periódicos, percebendo a necessidade de se fazer um jornalismo diferente do tradicional, diferente daquele que considera a objetividade e a neutralidade do texto como características principais de uma boa notícia ou reportagem, estão apresentando aos seus leitores reportagens-narrativas.

A experiência e a necessidade dos jornais americanos

Muito provavelmente, o exemplo mais ilustrativo desta constatação é o declarado incentivo editorial dos jornais americanos para que seus jornalistas escrevam textos narrativos com o intuito de atrair leitores. Tal estímulo deu-se, sobretudo, depois da publicação dos resultados do mais amplo estudo sobre a leitura dos jornais realizado nos Estados Unidos.

Edvaldo Pereira Lima (2005), conta em seu artigo *Narrativa nos Jornais: A Experiência Americana*⁴, que três importantes instituições jornalísticas americanas⁵, percebendo a progressiva perda de leitores que os jornais enfrentavam desde a década de 1970, resolveram pesquisar a fundo os motivos do desinteresse do público dos periódicos. Para tanto criaram o *Readership Institute* que, conduzindo o primeiro grande projeto de pesquisa chamado *Impact Study*, analisou 74 mil matérias publicadas nos EUA e no Canadá e entrevistou mais de 37 mil consumidores, entre leitores e não-leitores.

Em abril de 2001, os resultados foram publicados. Entre os itens estratégicos pontuados para melhorar a leitura dos jornais, o artigo sobre a análise da pesquisa *The Value of Feature-style Writing*, assinada pelo próprio *Readership Institute*, destaca:

O estilo narrativo aumenta a satisfação do leitor na cobertura de uma variedade enorme de áreas, incluindo-se entre elas a política, os esportes, a ciência, a saúde, o

⁴ Retirado de <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120050307165652&category=ensaios&lang=> em 23 de junho de 2009.

⁵ As três instituições supracitadas são: *American Society of Newspapers Editors* (www.asne.org), entidade que congrega cerca de 900 editores-diretores de diários; a *Newspaper Association of America* (www.naa.org), organização das empresas editoras de jornais nos Estados Unidos e no Canadá, com mais de 2.000 jornais filiados, totalizando um negócio total de mais de US\$ 57 bilhões; e o *Media Management Center* (www.mediamanagementcenter.org), da *Universidade Northwestern*.



lar e a gastronomia. Além disso, uma boa quantidade de matérias no estilo narrativo melhora a percepção da marca por parte do consumidor, tornando o jornal mais fácil de ler. (*Readership Institute In: LIMA, 2005*).

Para análise das 74 mil matérias selecionadas, a pesquisa considerou três categorias: o formato piramidal, o comentário e o estilo narrativo. Lima, por meio dos dados da pesquisa, apresenta como se dá a proporção destas categorias nos periódicos analisados; 69% são da primeira categoria, 12% da segunda e 18% da terceira. Sobre os dados, o artigo do instituto de pesquisa afirma e sugere o aumento do jornalismo narrativo nas páginas dos jornais:

Embora a pirâmide invertida seja apropriada para a maioria das matérias, há evidências fortes de que o aumento de matérias narrativas traz uma série ampla de benefícios (...). Os jornais que apresentam um número maior de matérias narrativas são vistos como mais honestos, divertidos, inteligentes, presentes e mais afinados com os valores dos leitores (*Readership Institute In: LIMA, 2005*).

O estímulo à adoção das medidas indicadas como resultado da pesquisa foi colocado num manual com 43 páginas e distribuído a todos os jornais filiados à instituição. Seminários e oficinas sobre as novas possibilidades a serem utilizadas pelos jornalistas para reverter o quadro de desinteresse dos leitores também foram realizados em diversas redações. Lima (2005) sobre os jornais que adotaram as novas práticas textuais comenta: “Nos relatos que os jornais fazem, comentando a implementação das medidas, casos bem-sucedidos de aumento de circulação e satisfação dos leitores são inspiradores”.

Novas publicações de jornalismo narrativo no Brasil

A possibilidade de inserção de elementos narrativos em textos jornalísticos também ganhou maior atenção no Brasil no começo desta década; fato que ganha respaldo com o lançamento das revistas *Piauí e Brasileiros*. Lançada em outubro de 2006, a revista *Piauí* traz entre suas características o estilo literário que aumenta as possibilidades narrativas do repórter e abre espaço para diferentes estratégias argumentativas.



Tratar a fonte como personagem de uma história permite aos jornalistas da revista fazer descrições que contextualizem o leitor da maneira que o repórter quer. O estilo literário dá ao jornalista a possibilidade de construir, de maneira sutil, uma imagem das fontes. Essa construção pode ser observada também na grande quantidade de perfis que a revista faz de pessoas que, em outra situação, não ganhariam espaço em publicações já estabelecidas na grande imprensa.

Por sua vez, a revista *Brasileiros*, lançada em julho de 2007, também coloca nas fontes o grande destaque dentro da construção do texto. As fontes se tornam personagens e o fio condutor principal das narrativas e o jornalista assume o papel de contador de histórias.

Outra revista, famosa por suas reportagens recheadas de elementos literários, ganhou uma versão brasileira em 2006. A implementação da *Rolling Stone* aponta para um fenômeno interessante no país: existe um nicho de mercado e um interesse crescente para textos jornalísticos com características literárias.

É com esta percepção que o *Jornalismo Narrativo*, *Jornalismo Literário*, *Jornalismo de Não-ficção*, *Jornalismo de Realidade*, *Jornalismo de Profundidade*, *Jornalismo Autoral*, ou qualquer outra definição que se dê para o jornalismo que traga elementos narrativos em sua composição está levando faculdades e universidades a colocarem o tema em destaque entre sua grade de disciplinas dos cursos de graduação e de pós-graduação de jornalismo.

A primeira pós-graduação em *Jornalismo Literário*, vinculada à *Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL)*, teve sua primeira turma formada em 2006. O número de alunos matriculados, que aumenta a cada ano, é bastante ilustrativo quanto ao interesse latente dos próprios jornalistas pelo jornalismo narrativo.

Convergência entre literatura e jornalismo

Apesar do “boom” do jornalismo narrativo, a convergência entre literatura e jornalismo não é recente. No Brasil, desde o final do século XIX e início do passado, jornalistas se aventuraram em reportagens que ultrapassavam a simples intenção de informar fatos aos leitores. Os textos do jornalista João do Rio, por exemplo, retrataram sua vivência em busca de reportagens no início do século XX e traziam um estilo destoante da ornamentação dos textos publicados nos jornais da época.

Para Marcelo Bulhões (2006), na composição literária da obra do também jornalista do começo do século XX Lima Barreto é possível perceber “crônicas-



reportagens”. Seus textos traziam as ruas pobres do subúrbio carioca, as festas populares, o ritual das religiões africanas e personagens do submundo “captados com a pungência de uma visão que assinala o patético de uma existência destituída de glória (BULHÕES, 2006, pág. 99)”. Ao assumir uma linguagem despojada para denunciar a exclusão social brasileira, Lima Barreto revela marcas características do jornalismo narrativo.

Nos Estados Unidos, por volta de 1950, um grupo de jornalistas se aventurou pelas experimentações típicas da literatura. Inspirados pelo realismo característico do final do século XIX, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese fizeram reportagens baseadas em fatos e personagens reais, mas com características perceptivelmente ficcionais. Surgia o *Novo Jornalismo*. Tom Wolfe (2004) define quais eram suas motivações ao escrever textos jornalísticos com recursos ficcionais.

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário (...) e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor (WOLFE, 2004. pg. 28).

Audálio Dantas, no prefácio de sua antologia *Repórteres* (1997), explica o tipo de texto destes jornalistas americanos: “O que acontece é a reportagem tocada pela literatura parecer, de repente, obra de ficção, o que não significa deixar de lado o fato, a informação jornalística (DANTAS, 1997, pág. 13)”. Comentado por Dantas e tantos outros escritores que colocam à mesa a discussão sobre reportagens de qualidade, o *Novo Jornalismo* dos americanos se tornou uma referência para os que buscam uma alternativa ao jornalismo impresso convencional.

O jornalismo rápido, objetivo e dito imparcial também sofreria outras contestações. Novamente no Brasil, a *Revista Realidade* nas décadas de 1950, 1960 e 1970 se tornou um fenômeno de vendas. Seus textos jornalísticos se pareciam, muitas vezes, com romances policiais. Entre os nomes que assinavam o expediente de *Realidade* estava João Antônio. Com temas que retratavam os subúrbios e suas mazelas, o autor fazia de suas reportagens de fatos e pessoas reais verdadeiras produções literárias. Bulhões (2006) diz que a experiência literária em João Antônio não só



descarta a objetividade e a neutralidade mas faz da opção de se colocar frente aos fatos sua grande força. “Ou seja, a vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão esteticamente poderosa (BULHÕES, 2006, pág. 182)”.

Percebe-se que a confluência entre jornalismo e literatura não é fenômeno recente. Mas, novas formas desta convergência parecem ter começado a se manifestar com mais intensidade apenas na última década do século XX e começo deste. A impressão que se tem é a de que, no Brasil, o encerramento das atividades da *Revista Realidade* deixou um buraco de publicações jornalístico-literárias que só começou a ser preenchido na década de 90 com produções de jornalistas como Zuenir Ventura, Caco Barcellos e seus livros-reportagens.

É neste contexto que a análise das reportagens da jornalista Eliane Brum, sobretudo das reportagens da coluna *A Vida Que Ninguém Vê*, encontra consistência. Nas reportagens da jornalista, pessoas comuns se transformam no foco da notícia. A repórter, por sua vez, descarta a neutralidade e se assume também como personagem, participante do acontecimento. As inovações e experimentações literárias de Eliane, superando as expectativas dos idealizadores da coluna, tiveram ótima aceitação do público. Como consequência da coluna, em 1999, Eliane recebeu o *Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de Jornalismo*. Em 2006, com 23 das 46 reportagens reunidas no livro homônimo, a jornalista conquistou o renomado *Prêmio Jabuti*, na categoria *Livro Reportagem*.

Não só pelas possíveis e saudáveis possibilidades de debate sobre o gênero que seus textos trazem, mas também por ser um dos exemplos mais reconhecidamente inovadores deste cenário que se configura no que tange à produção de reportagens, a coluna *A Vida Que Ninguém Vê* é, dessa forma, estudada neste artigo.

O cidadão comum no eixo da notícia

O cidadão comum, aparentemente sem nada de extraordinário, aquele que anda pelas ruas com milhões de tantos outros, pode virar notícia? As histórias destes personagens são de fato relevantes? Podem trazer à tona problemas da sociedade e, finalmente, informar e fazer refletir o leitor? A grande receptividade das reportagens de Eliane Brum pelo público do jornal *Zero Hora* traz estas possíveis indagações: o que, afinal, é considerado importante para se tornar notícia? E de que forma esta notícia deve ser pensada e desenvolvida?



O modelo ideal de se fazer jornalismo, ensinado na maioria dos cursos de comunicação, é ainda aquele ditado pela objetividade, pela informação rápida e neutra. O tradicional *lead* (fórmula de noticiar que responde, logo no primeiro parágrafo, às perguntas: *O que? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?*) e a industrial *pirâmide invertida* (onde as informações “mais importantes” devem estar no topo do texto) são assimiladas pelos estudantes que, muito provavelmente, vão colocar em prática nas redações o que aprenderam em tempos de academia. Apesar de estar se tornando mais comum, o contato com alternativas ao modelo convencional ainda é tímido entre aqueles que esperam respostas para as perguntas do primeiro parágrafo.

No modelo tradicional, entende-se como “notícia” a divulgação de um acontecimento que seja de interesse público por meios jornalísticos. Por ter como finalidade uma informação de reconhecimento socialmente relevante, os fatos devem ser excepcionais, de grande impacto social. O seu valor está vinculado à atualidade e à novidade do que está sendo noticiado.

No capítulo *O Jornalismo como Técnica* de seu livro, Nilson Lage (2003) conta que as técnicas jornalísticas utilizadas até hoje são do começo do século XX quando foram criadas para conter o excesso de sensacionalismo típico dos jornais americanos.

Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (...), que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo (LAGE, 2003, pág 18),

Como também dito por Lage, as características que definem uma notícia como relevante, tais como novidade, proximidade com o leitor, devem guiar as escolhas dos jornalistas.

No entanto, percebe-se que os textos da coluna *A Vida Que Ninguém Vê*, não se adequam em alguns destes aspectos. Nas reportagens da jornalista, pessoas aparentemente sem nada de extraordinário se transformam em notícia. Os personagens da coluna, que certamente passariam despercebidos pela perspectiva jornalística tradicional, com a proposta de Marcelo Rech (diretor do jornal *Zero Hora* na época da publicação da coluna), ganham o foco do desenvolvimento das reportagens. Eliane Brum, por sua vez, também aparece como personagem em suas reportagens. A



jornalista descarta a neutralidade e se assume como participante do acontecimento. Estas inovações e as experimentações literárias de Eliane, superando as expectativas dos idealizadores da coluna, tiveram ótima aceitação do público.

Diz a própria repórter sobre a reação e interação dos seus leitores com a *Vida que Ninguém Vê*:

Foram os leitores que enxergaram a coluna e apontaram para onde eu estava olhando. Toda semana desembarcavam e-mails e cartas contando sobre vidas próprias, vidas de outros, desacontecimentos, não-fatos, antinotícias, anonimatos. Tudo absolutamente extraordinário. (BRUM, 2006, pág. 188)

A resposta positiva dos leitores à coluna de Eliane Brum revela, mais uma vez, um fato bastante importante para aqueles que se debruçam sobre o estudo de textos jornalísticos: reportagens que trazem elementos destoantes do jornalismo dito convencional tem boa aceitação e nos convidam a discutir sobre as principais características que definem um fato ou acontecimento como passível de se tornar notícia.

Um “Corpo-a-corpo com a vida”

Estas possibilidades temáticas e discursivas utilizadas por Eliane Brum foram apresentadas pelo já citado jornalista e escritor João Antônio numa espécie de manifesto-ensaio intitulado *Corpo-a-corpo com a vida*. Para o autor, os assuntos que podem guiar os jornalistas também devem ser relacionados ao cotidiano, àqueles que apresentam os problemas da sociedade por meio de personagens marginais, normalmente esquecidos pelas manchetes dos jornais e das revistas. Para João Antônio, o escritor-jornalista deve apreender a realidade das ruas e atingir os leitores:

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma (ANTÔNIO, 1976, p.146).

Percebemos as idéias de João Antônio, no que tange às temáticas escolhidas, nas reportagens da coluna assinada por Eliane. No texto *O Sapo*, o personagem principal é um homem que pede esmolas no centro de Porto Alegre. Não só a escolha pelo homem



excluído remete ao manifesto de João Antônio, como a maneira que Eliane escolhe para dizer como foi o primeiro contato com o personagem. A jornalista se agacha e, com o olhar no mesmo nível do seu entrevistado, conhece a realidade a sua frente.

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há mais de uma década nos cruzávamos na Rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés-do-chão. Eu mirando seu rosto. Ele, os meus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares, subvertendo a regra do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos.

Descobri que o nome dele é Alverindo. Ele soube que me chamo Eliane. Contou-me que os amigos o conhecem por “seu Vico”, e o povo da rua por Sapo. Por causa da eterna posição lambendo com a barriga as pedras da rua.

Contei-lhe que sou jornalista e escreveria sobre ele. E então apertamos as mãos (...) (BRUM, 2006, p. 60).

Este diálogo dos textos de Eliane com estudiosos que teorizam sobre o assunto, ainda não que não intencional, não pára em João Antônio. Eliane usa “no rés-do-chão” para situar o lugar onde está o homem-sapo. O texto *A Vida ao Rés-do-Chão*, do ensaísta e crítico literário Antônio Cândido, traz como temática principal a escolha dos assuntos e a forma de abordar os fatos capazes de tornar uma produção textual singular e grandiosa.

Por meio de assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela (*a crônica*) ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta candidata à perfeição. (CÂNDIDO, 1981, p. 4)

Seja no desenvolvimento da crônica (principal eixo de discussão do ensaio de Cândido) seja no desenvolvimento da reportagem, gênero que caracteriza os textos de Eliane Brum, o ensaísta traz à tona a “função humanizadora” da literatura. Pelas experimentações de João Antônio, podemos perceber que os recursos narrativos inseridos nos textos do jornalista também objetivam a identidade e a aproximação com a “sensibilidade de todo dia”, finalidades da literatura apontadas por Cândido.

Sobre os recursos lingüísticos utilizados por jornalistas que adotam o estilo narrativo como Eliane Brum, Davi Arrigucci Jr. discorre sobre a possível ritualização da linguagem.

Para as novas linhagens de escritores, a realidade que importa é, pois, a que está perto, a imediatez do vivido, mas como chegar lá? (...) Nem se escapa da dificuldade, quando a descontração buscada vira convenção e a linguagem tende a se ritualizar, de modo que todas as caras ficam sendo a mesma cara: a cara nenhuma da abstração. (ARRIGUCCI, 1987, p. 123).

A experimentação nos textos de Eliane afasta esta possibilidade de ritualização. Utilizada de maneira a sublinhar as características dos personagens, a descontração na linguagem é moderada e empregada nos momentos em que pode colaborar para o enriquecimento da narrativa.

Clodair não enxerga um palmo adiante do nariz. Nem o próprio nariz. Nada. Em compensação, que voz! Grave como um dó de peito. Potente como uma tuba. E de longo, longuíssimo alcance. Voz de Cauby Peixoto!

- Conceiçãoooooooooo! Eu me lembro muito beem...

Essa aí.

Pois então. Essa voz de Cauby tornou-se o flagelo da esquina da ladeira com a rua da praia, em Porto Alegre. Imagine o Cauby das 7h45 até as 10h. De terça a sábado:

- É hoooooooouuje a Mega-Sena Acumulada. R\$ 40 milhões! É hoooooooouuje!

Ininterruptamente. Seiscentas e setenta e oito vezes (BRUM, 2006, p.120).

Na reportagem *Dona Maria tem olhos brilhantes*, Eliane Brum também traz como foco a questão da homogeneização. A homogeneidade desta vez não está relacionada somente com a questão da linguagem, mas sim à temática: nos rostos inexpressivos das pessoas das ruas. Para contar a história de Dona Maria, Eliane explica porque ela se diferencia da massa homogênea das ruas.

Você já reparou nos olhos das pessoas na rua? Muitas têm pupilas opacas e, juntos com os ombros voltados para dentro, arqueados como se carregasse uma canga de boi, esculpem a imagem de uma infelicidade crônica, venenosa e que mata devagar. Têm olhos de seca, olhos assassinados. Porque os olhos são os primeiros a morrer. E as ruas estão cheias de moribundos. Quando aparece alguém de olhos brilhantes, dá vontade de parar, pedir licença e intimar: o que você está escondendo atrás destas pestanas?



Dona Maria tem olhos brilhantes. Maria Alicia Freitas, 55 anos, dez filhos, onze netos e um bisneto tem olhos brilhantes. Sabe por quê? Porque dona Maria tem um sonho. Descobriu que tinha aos nove anos e conseguiu realizá-lo aos 55. Sim, porque sonhos não se encontram em prateleiras, não basta atirar o cartão de crédito no balcão e sair com um debaixo do braço. Sonhos são touros xucros. Tem de pegar à unha. É isso ou ficar pelos cantos exercitando a autocomiseração, chapinando na apatia.

Dona Maria tem olhos brilhantes porque corre atrás do seu. E desde então, deu para ficar com os olhos em facho, por aí, alumando o caminho (...) (BRUM, 2006. p. 132).

Como em *Dona Maria tem olhos brilhantes* e em outras reportagens, Eliane traz em personagens singulares o caráter universal dos temas (entre alguns aspectos: a possibilidade do sonho, a ânsia por realização, a angústia e a frustração de não conquistá-lo).

João Antônio (1976) define este tipo de abordagem como o recado visceral de uma literatura que se rotule como brasileira. Já Antônio Cândido (2002) explica este tipo de função da literatura como a capacidade intrínseca a ela de confirmar a humanidade do homem. Adequando a definição dos dois autores às reportagens de *A Vida Que Ninguém Vê*, é perceptível a utilização dos recursos literários por Eliane, sejam eles narrativos ou temáticos, de forma a possibilitar a perspectiva universal no singular.

O efeito no leitor

Marcelo Bulhões (2006) vê em respostas positivas do público e da crítica para as reportagem que priorizam o texto narrativo, como a que aconteceu com a *A Vida que Ninguém Vê*, um novo fenômeno.

Em certo sentido, isso (*a boa aceitação do público pelos livros de “vida real”*) põe em xeque a idéia consagrada da preferência da ficção junto às necessidades simbólicas do leitor, uma vez que aparentemente seu interesse migrou para obras dedicadas à documentação da realidade vivida (...). O arremate inequívoco desse fenômeno aparenta ser o que viabiliza o estreitamento dos laços entre literatura e jornalismo (BULHÕES, 2007, pg. 168).

Tentar prever o tipo de reação do leitor, as reflexões que serão instigadas, os reflexos sociais do que se está sendo noticiado, enfim, as conseqüências das



informações são, de maneira estratégica ou não, pensadas pelos jornalistas, pelas equipes editoriais e também por pesquisadores de comunicação.

Muitos estudiosos, para se posicionarem criticamente sobre o modelo tradicional de jornalismo, utilizam como parâmetro a recepção do público. Para Florence Dravet (2002), por exemplo, é possível que o leitor esteja insatisfeito com o excesso de “objetividade” e a falta de “profundidade” das notícias convencionais.

O jornalismo industrializado oferece, portanto, informações ditas objetivas e claras para serem consumidas por leitores obedientes, resignados, submissos, semimortos. Se os chamo de semimortos é porque um leitor que quer ler notícias claras e objetivas é um leitor sem desejo, sem paixão, um leitor que não quer envolver suas emoções, suas experiências, sua subjetividade, no ato da leitura. Quero acreditar que esse leitor não existe como sujeito; que só pode existir no imaginário das sociedades de consumo industrial (DRAVET, Florence *in* CASTRO; GALENO, 2002, p. 87).

Considerações como as de Dravet encontram seu fundamento em fenômenos de recepção como em *A Vida que Ninguém Vê*. A resposta positiva à coluna de Eliane Brum possibilita levantar a hipótese de que, de fato, os leitores esperam mais do que o jornalismo convencional pode proporcionar.

Em outro artigo sobre a utilização da narrativa por jornais americanos, Edivaldo Pereira Lima (2005)⁶ comenta as considerações do jornalista Warrer Watson em seu artigo “*Using narrative Style*”, produzido em 1999 para a *American Society of Newspaper Editors*, entidade que congrega os editores de jornais americanos. Indo de encontro com o argumento de que o leitor não tem tempo de ler ou simplesmente não tem o hábito de leitura, Watson sublinha: “O leitor vai arranjar tempo de sobra para ler o jornal, sim, se dermos a ele algo de fato saboroso para ler”.

Textos “saborosos” que “vitaminem” (expressão que Marcelo Reich, editor do jornal *Zero Hora* em 1999, utilizou para definir as reportagens de Eliane Brum nas páginas do jornal) e colaborem efetivamente para que o jornalismo impresso diário consiga se posicionar frente às possibilidades digitais que se colocam à disposição do jornalismo e das preferências do público.

⁶ Retirado de <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20041108165022&category=ensaios&lang=> em 23 de junho de 2009.



REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Cultural, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo, Literatura e Violência**. A escrita de João Antônio. São Paulo: Faac, 2005.

_____. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **A Literatura e a Formação do Homem**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CASTRO, G.; GANELO, Alex (Org). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

DANTAS, Audálio (Org). **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac, 1997.

FARO, J. S. **Revista Realidade: 1966-1968**. Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Da Ulbra, 1999.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 1995.

_____. **O que é livro reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da Silva. **Mil Dias Seis Mil Depois**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2005.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.